

# READ ME

segunda-feira, 11 de janeiro de 2021 23:16

Caio Donalisio



## Índice

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| Introdução de Rubens Vaz da Costa ..... | VII |
|-----------------------------------------|-----|

### TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

|                                                                                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Nota do Tradutor da edição inglesa</i> .....                                                     | 3   |
| <i>Prefácio à edição inglesa</i> .....                                                              | 5   |
| CAP. I — O fluxo circular da vida econômica enquanto condicionado por<br>circunstâncias dadas ..... | 9   |
| CAP. II — O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico .....                                 | 43  |
| CAP. III — Crédito e capital .....                                                                  | 67  |
| <i>A natureza e a função do crédito</i> .....                                                       | 67  |
| <i>Capital</i> .....                                                                                | 79  |
| <i>O mercado monetário</i> .....                                                                    | 84  |
| CAP. IV — O lucro empresarial .....                                                                 | 87  |
| CAP. V — O juro sobre o capital .....                                                               | 107 |
| <i>Observações preliminares</i> .....                                                               | 107 |
| CAP. VI — O ciclo econômico .....                                                                   | 141 |
| <i>Observações preliminares</i> .....                                                               | 141 |

# OS ECONOMISTAS

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

S419t Schumpeter, Joseph Alois, 1883-1950.  
Teoria do desenvolvimento econômico : uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico / Joseph A. Schumpeter ; introdução de Rubens Vaz da Costa ; tradução de Maria Sílvia Possas. — São Paulo : Abril Cultural, 1982.  
(Os economistas)

1. Desenvolvimento econômico 2. Economia  
I. Título. II. Série.

82-0825

CDD-330.1  
.338.09

- Índices para catálogo sistemático:
1. Desenvolvimento econômico 338.09
  2. Economia : Teorias 330.1
  3. Teorias econômicas 330.1

**JOSEPH A.  
SCHUMPETER**

**Teoria do  
Desenvolvimento  
Econômico**

**Uma Investigação Sobre Lucros,  
Capital, Crédito, Juro e o  
Ciclo Económico**

Introdução de Rubens Vaz da Costa

Tradução de Maria Sílvia Possas



1982

EDITOR: VICTOR CIVITA

# Introdução

segunda-feira, 11 de janeiro de 2021 23:27

Gênio - vasta produção acadêmica

Capitalista - mas previa triunfo do socialismo e desaparecimento do capitalismo

Admirava Marx e mais ainda Walras

Valorizava matemática e econometria

Ideias do livro:

- Papel central do crescimento para a justiça social
- Perigos da redistribuição prematura
- Ênfase no papel do empreendedor
- Modelo de crescimento é um modelo de industrialização
- Importância do crédito ao produtor para o desenvolvimento
- Diz que mais dinheiro em circulação aumenta a taxa de juros, e não ao contrário
- Crises são cíclicas e transitórias

Sistema Schumpeteriano se contrapõe ao Keynesiano

# 1 - O Fluxo Circular da Vida Econômica Enquanto Condicionado por Circunstâncias Dadas

terça-feira, 12 de janeiro de 2021

10:22

- Objetivo - encontrar causas não-econômicas para fatos econômicos
- Inicialmente -- assumir economia de indivíduos autossuficientes, e depois interdependentes
- Ciclo circular da vida econômica é fechado
- "Princípio de continuidade de Wieser" - sistema econômico está vinculado ao seu estado anterior
- Utilidade marginal  $\leftrightarrow$  coeficiente de escolha
- Economia tem um lado tecnológico, alheio à teoria econômica e diferente do interesse comercial
- Critério técnico se curva ao critério econômico de decisão - divergência frequente entre ótimo econômico e ótimo tecnológico
- "coeficiente de produção" - relação quantitativa dos bens de produção numa unidade de produto
- Bens têm "ordens" - bens prontos para o consumo são de primeira ordem, insumos são bens de alta ordem
- "trabalho" e "terra" são da mais alta ordem, todos os outros derivam destes
- Qual(e se for) dos dois é mais importante é uma questão de opinião - os dois são
- Importante diferenciação entre "trabalho dirigente" e "trabalho executor", mas nem sempre facilmente separáveis
- Consumidor também dirige a produção ao consumir
- Princípio de que a utilidade marginal se iguala à desutilidade marginal no processo (iterativo) de decisão
- Este equilíbrio se repete a todo período - não haverá lucro na produção no mundo ideal

## Imperfeições:

- Fricção - decisões são tomadas com erro, atraso, quebras, mundaças de ambiente etc
- Tempo de Produção - existe intervalo entre consumo de insumos (consumo futuro) e consumo dos bens em si (que por isso valem mais)
- Espera não é elemento do processo econômico, produção e consumo estão sincronizados
- Mesmo que agentes tenham acesso a apenas uma parte das informações, valores são estáveis de um período para o outro. Equilíbrio econômico.
- Troca entre o trabalho/terra por bens de consumo é em última análise a única transação que existe
- Não há estoques ou fundos de bens de consumo que perduram ao longo dos períodos significativo
- Bens estão sempre fluindo - fluxo circular
- Poupança não tem papel importante em estado estacionário
- Bens de produção são itens transitórios e não envolvem nenhuma formação de valor independente numa economia de troca
- Não há nenhum fluxo de renda para aqueles que os possuem em certo momento
- Supomos agora a existência do ouro como meio de troca
- Dinheiro tem um preço, baseados nas noções individuais de valor, como os outros bens.
- Valor do ouro depende tanto da função moeda como a função de metal ouro - mas podemos ignorar este segundo
- Demanda por dinheiro deve ser igual para dois períodos se o estoque de dinheiro for igual
- Demanda por dinheiro depende da demanda por bens, é **meramente instrumento de troca**
- Valor do dinheiro, logo, depende do valor dos bens adquiríveis com o dinheiro
- Como isso é mais ou menos constante, valor do dinheiro muda pouco com o tempo
- Renda real  $\leftrightarrow$  Renda monetária

Simplificações:

- Até aqui ignoramos necessidade de acumular dinheiro, que serve apenas para troca imediata
- Também ignoramos instrumentos de crédito - letras de câmbio podem circular sem haver contrapartida em dinheiro de verdade. O valor dessas letras seria igual ao do dinheiro - seria uma mera substituição do dinheiro - já que ambos meramente refletem os preços dos bens de consumo - não haveria razão para desconto ou juros.
- Valores são dados individualmente, o resultado do valor na economia (preços) é a relação entre eles, não há um "valor social". Preços não refletem uma estimativa do valor social de um bem ou qualquer valor definido, é só o resultado das valorações individuais.

## 2 - O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico

quinta-feira, 14 de janeiro de 2021 09:30

### 1

- Descrença na ideia de "etapismo" e "evolucionismo"
- Explicação do desenvolvimento pode ter caráter histórico e/ou puramente teórico econômico
- Desenvolvimento: mudanças da vida econômica emergindo da própria esfera econômica, não de fora.
- *"Desenvolvimento econômico não é um fenômeno a ser explicado economicamente, mas que a economia em si mesma sem desenvolvimento, é arrastada pelas mudanças do mundo à sua volta, e que as causas e portanto a explicação do desenvolvimento devem ser procuradas fora do grupo de fatos que são descritos pela teoria econômica"*
- Deve ter mudanças qualitativas, não meramente quantitativas

### 2

Mudanças na economia geralmente se originam na produção, não no consumo

"Novas combinações" geram desenvolvimento:

- Novo bem para consumo
- Novo método de produção
- Novo mercado disponível
- Nova fonte de matéria-prima
- Nova organização de qualquer indústria
- Novas combinações não surgem apenas utilizando os meios ociosos, novas combinações devem surgir de rearranjos de combinações antigas.
- A mera poupança não é o motor do desenvolvimento.
- Comando sobre os meios de produção é necessário para realizar novas combinações
- Crédito é necessário para permitir as novas combinações, bancos emitem crédito a proporções maiores do que a moeda metálica correspondente e isso aumenta poder de compra.
- Divergência nisso em relação ao modelo mais aceito
- Possibilidade de desenvolvimento vem dos recursos decorrentes do crescimento anterior
- Estes fundos para o desenvolvimento não vêm da poupança, mas do crescimento.
- Banqueiro é um produtor, não mero intermediário, do poder de compra

### 3

Definições:

- Empreendimento: novas combinações
- Empresário: indivíduo cuja função é realizar as novas combinações dos fatores produtivos (podem ser funcionários) - não é necessariamente aquele que corre riscos. Como o lucro é nulo no fluxo circular, não pode ser definido como o receptor do lucro.
- Capitalistas: proprietários de dinheiro e bens materiais
- Decurso da história pode ser útil para permitir a especialização das classes e se diferenciar mais facilmente empresários de capitalistas.
- Empresário deixa de sê-lo quando é apenas um administrador do negócio montado - não são uma classe social
- No modelo teórico, indivíduos, seja camponês seja corretor da bolsa, são perfeitamente racionais quando têm o auxílio da experiência, mantêm uma rotina fazendo pequenas adaptações, mas fora desses limites do conhecido já não são tão capazes de maximizar seus interesses.
- Modelo tem três oposições:
  - Fluxo circular com tendência ao equilíbrio X mudanças espontâneas nos dados econômicos

- Estático X Dinâmico
- Administradores X Empresários
- Na nossa rotina, simplesmente utilizamos práticas e bens herdados pela história / educação etc. Fazer algo além disso depende de esforço, incertezas. Muito mais fácil caminhar por uma estrada do que criá-la.
- Papel do líder não está exatamente em descobrir ou criar as novas combinações, mas em combinar as já existentes
- Liderança econômica não é a "invenção", empresário não é geralmente o inventor
- Fluxo circular dispensa psicologia, não é necessário adentrar na "psicologia do empresário", foco na conduta de satisfação de necessidades, mas não podemos dizer que simplesmente segue uma racionalidade egoísta.

# 3 - Crédito e Capital

segunda-feira, 11 de janeiro de 2021 23:14

## A natureza e a função do crédito

- Novas combinações exigem que se retirem recursos dos usos anteriores, não há estoques ociosos
- Ideia contrária ao mainstream da época: dinheiro tem um papel importante e não é um mero reflexo dos mecanismos de trocas de bens.
- Ao ceder crédito, cria-se dinheiro, sendo que nem todo crédito é coberto por alguma garantia 1:1
- Crédito serve ao desenvolvimento industrial, e apenas o empresário precisa de crédito, assim ele consegue ter comando sobre fatores de produção utilizando um poder de compra "fictício", é necessário para as novas combinações e portanto o desenvolvimento.
- Crédito para consumo, administração, fluxo de caixa e outras funções não têm interesse para o desenvolvimento
- Crédito não aumenta quantidade de serviços produtivos existentes no sistema econômico, mas permite uma "nova demanda" de novos bens.
- "inflação creditícia", temporária
- O que limita concessão de crédito? Bancos devem ceder crédito só até o ponto em que a inflação é realmente temporária e moderada. Inflação também cria fuga de ouro do país, risco ao banco. Estes fatores impõe o limite, elástico mas determinado, do volume de crédito. Empresário deve ser capaz de produzir ao menos o equivalente ao crédito + juros, utilizando o crédito recebido.

## Capital

- *"O capital não é nada mais do que a alavanca com a qual o empresário subjuga ao seu controle os bens concretos de que necessita, nada mais do que um meio de desviar os fatores de produção para novos usos, ou de ditar uma nova direção para a produção"*
- Empresário não tem por que distinguir entre os vários bens de que necessita para produção
- Capital é o intermediário entre o empresário e os bens necessários para produção
- Capital é um fundo de poder de compra. Não só dinheiro mas pode ser outros meios de pagamento.
- *"Capital é a soma dos meus de pagamento que está disponível em dado momento para transferência aos empresários"*
- Dessa forma só existe capital privado e não "social"

## O mercado monetário

- Mercado monetário mistura o controle contábil das transações que seriam necessárias mesmo sem desenvolvimento, mais a alocação dos créditos bancários nas transações do fluxo circular que geram desenvolvimento, e esses dois elementos são separáveis.
- Coordena a demanda, empresários, com a oferta, banqueiros.
- É o "quartel-general" do sistema capitalista
- Função principal é financiar o desenvolvimento
- O comércio de terras também poderia fazer parte disso, mas por razões históricas e técnicas não faz

## 4 - O Lucro Empresarial

terça-feira, 26 de janeiro de 2021

09:48

- Lucro capitalista é um excedente sobre os custos (incluindo juros sobre capital)
- Como há desenvolvimento, as novas combinações são melhores que as antigas (por isso são realizadas), sendo assim o lucro não é nulo.
- Com o tempo, os preços dos fatores de produção e dos produtos vão se ajustando a um novo equilíbrio, convergindo o ponto de lucro nulo novamente.
- Esses lucros temporários acabam ficando com os empresários, que empregaram não os bens concretos (que compraram de outros), mas ação e iniciativa, o que fizeram foi realizar as novas combinações sem necessariamente terem criado os seus elementos.
- Quem corre o risco é quem concede o crédito, não o empresário.
- *"promoter's profit"* (lucro do fundador) - o lucro temporário no início de um novo empreendimento
- Numa sociedade comunista, dirigente não receberia lucro e isso não impediria a existência de desenvolvimento
- Com o tempo, valor dos novos produtos e dos insumos novamente vão se igualando - tanto numa economia mercantil quanto não-mercantil.
- *"Uma parte do que, em primeira instância, é lucro se transforma em renda"* - a função empresarial do homem desaparece, se continuar sua operações sem modificá-la após as novas combinações, e o rendimento inteiro é portanto imputado aos fatores originais de produção. Há uma distinção (teórica) entre os lucros da fundação de um negócio e o retorno permanente deste. Um é o valor do monopólio, o outro é o rendimento das condições de monopólio.
- Lucro não pode ser comparado com salário nem juros - não é nem um trabalho nem um rendimento simplesmente sobre o capital. Também não é um simples resíduo - é a contribuição do empresário para a produção.
- *"Lucro é filho e vítima do desenvolvimento"* - sem o lucro não há desenvolvimento e sem o desenvolvimento não há lucro.
- Relação das pessoas com coisas e pessoas concretas se torna cada vez mais temporária - *"A progressiva 'automatização' do desenvolvimento corre paralela a esse processo, e isso também tende a enfraquecer a significação da função empresarial"*
- Herdeiros dos empresários raramente herdaram suas habilidades, e há uma constante oscilação de riqueza e prestígio, como um hotel em que as pessoas estão sempre mudando.

# 5 - O Juro Sobre o Capital

sexta-feira, 12 de fevereiro de 2021 14:02

## Observações preliminares

- "Juro é um prêmio ao poder de compra presente por conta do poder de compra futuro"
- Juros produtivo tem sua fonte nos lucros. Economia estática não conhece o juro produtivo.
  
- Como o juro se encaixa no fluxo circular? Não é salário ou rendimento da terra, parece não se encaixar no modelo.
- Como contabilizar a terra? Mero meio de produção? Serviços? Terra não é igual a uma máquina e valor da terra é mais complicado do que simplesmente a soma dos rendimentos descontados, embora dependa disso também. Teoria dos juros será fundamentada a partir dessa ideia.
  
- Juro não seria um elemento do custo, mas a uma discrepância entre os custos e o valor do produto. É um excedente. Três pontos explicam juro no caso de monopólio: 1-Haveria uma fonte de valor excedente explicada pela teoria do monopólio. 2- Haveria uma razão para que se atribuisse rendimento aos monopolistas. 3- Nem concorrência nem imputação anulam o rendimento. No entanto, existem situações sem monopólio e o juro pode existir mesmo sem essas condições.
- Há a possibilidade de uma corrente permanente de bens. Resta provar que por que a corrente vai para aqueles indivíduos em especial e por que os rendimentos não desaparecem com o tempo.
- Não podemos dizer que uma floresta jovem ou um barril de vinho têm um aumento real contínuo do valor com o tempo enquanto fenômeno primário e independente, esse valor já existe antes do futuro de realizar, é previsto. Também não há aumento do valor com o tempo de bens que permanecem idênticos mas cuja demanda aumentou.
  
- Valores excedentes provêm dos novos usos mais vantajosos de bens, quando comparados aos usos antigos. Valores excedentes também provêm das repercussões do desenvolvimento, causados pelos aumentos de demanda. Estes excedentes são reais.
  
- Cinco Proposições:
  - 1- O juro produtivo provém essencialmente dos valores excedentes, e de nada mais.
  - 2- Os valores excedentes no desenvolvimento estão na forma de lucro empresarial e nas "repercussões do desenvolvimento", embora o lucro provenha do primeiro apenas. Juros é como um tributo sobre o lucro.
  - 3- Lucro não pode ser direta e imediatamente o juro, pois lucro é temporário. Juro não se prende a nenhuma classe de bens concretos, diferente do lucro. Juro é permanente, lucro não.
  
- Questão chave: *Como a partir dos lucros transitórios, sempre mudando, se extrai essa corrente permanente de juros, fluindo sempre para o mesmo capital?*
  - 4- Numa sociedade comunista ou não-mercantil em geral não haveria juro enquanto fenômeno de valor independente. Juro depende de uma economia de trocas. O agente ao qual se paga juros não existiria numa sociedade comunista.
  - 5- É somente porque outras pessoas têm o comando sobre os bens de produção necessários que os empresários precisam chamar o capitalista para ajudá-los a remover o obstáculo que a propriedade privada dos meios de produção impõe ao seu caminho. Não haveria juros se empresários pudessem confiscar bens de produção necessários, só haveria lucro. Na prática, frequentemente as próprias empresas são as financiadoras de si mesmas com as receitas anteriores.
  
- Pensadores antigos não viam juros produtivos, apenas juros sobre o consumo.
- Mesmo vários iluministas já não confundiam lucro com juros, identificavam como fenômenos

- distintos. Mas a partir de Ricardo, começou-se a tratar os dois como sinônimos no mainstream. Nessa visão, lucro do empresário é como um juro sobre o próprio capital. Nessa visão, empresário é aquele que é usuário do capital, e capitalista é aquele que fornece algum tipo de bem. Não é bem correto e não explica bem existência de juros.
- Se a teoria tradicional vincula o juro contratual aos lucros dos empresários, não explica muita coisa pois já as toma por princípio como coisas semelhantes. Na nossa teoria, no entanto, isso seria o suficiente, já que os considera fenômenos distintos.
  - Queremos explicar então: *como surge então o juro a partir do lucro empresarial?*
  - O excedente de valor constitui a base do juro. Segundo a visão tradicional, juros são expressos em dinheiro simplesmente como expressão dos valores contidos nos próprios bens aos quais estão vinculados. Lucro também é expresso como dinheiro por razão semelhante. Mas lucro não tem nada a ver com o dinheiro.
  - No entanto, no caso dos juros, na realidade não podemos desvinculá-lo do dinheiro, dinheiro é o cerne e não a casca.
  - *"O juro é um elemento do preço do poder de compra considerado como um meio de controle sobre os bens de produção"*
  - É um erro dizer que a taxa de juros depende simplesmente da quantidade de dinheiro, como vários afirmaram na história. Um aumento de dinheiro imediato na verdade eleva a taxa de juros, ao invés de diminuí-la.
  - Juros é um fenômeno do mercado monetário.
  - Uma troca de algo no presente e algo no futuro não faz sentido pois não são coisas iguais, não é como a troca de coisas diferente em um dado instante.
  - Num mercado em equilíbrio, é impossível obter a partir de uma soma de dinheiro original uma soma de dinheiro maior.
  - Quando há desenvolvimento, uma nova combinação pode sim retornar mais unidades monetárias do que o alocado. Neste cenário, as somas presentes de dinheiro terão um prêmio em valor, que conduz a um prêmio no preço, e nisso está a essência do juro.
  - Apenas os empresários têm uma estimativa mais alta do poder de compra futuro do que presente.
  - Capitalistas ofertam dinheiro e empresários o demandam em um mercado competitivo. Empresário só aceitará pagar uma taxa de juros que seja inferior à sua expectativa de ganho futuro. O ponto de equilíbrio é a solução de qualquer mercado competitivo e a taxa de juro será igual à taxa de lucro do "último empresário", i.e. ao menor lucro empresarial efetivamente realizado.
  - Vimos que o desenvolvimento numa sociedade capitalista só pode existir com meios de pagamentos creditícios.
  - Como as novas formas possíveis de organizar a produção são infinitas até em sociedades ricas. A possibilidade de lucro e novas combinações a princípio não tem limite definido, e sempre que se aperfeiçoa se abrem mais possibilidades de aperfeiçoamento, portanto a demanda a um juro nulo seria sempre maior do que a oferta, que é sempre limitada. Mas isso só ocorre se os empresários estiverem dispostos a fazê-lo. Podemos supor um cenário em que o crédito disponível exceda à demanda dos empresários, que não desejam tomar empréstimos com juros nulos, mas isso não ocorre. Como a demanda excede à oferta, aumentará a taxa de juros até o equilíbrio.
  - É necessário enumerar as fontes de poder de compra existentes que suprem o reservatório do mercado monetário, além de mostrar como os juros afetam toda a economia de trocas.
  - O poder de compra provém dos elementos de períodos anteriores, assim como do desenvolvimento, no qual o poder adicional é em parte destinado ao mercado monetário. Este fluxo provindo do desenvolvimento tem três partes:
    - 1- O lucro empresarial, que será em parte investido
    - 2- A liquidação de empreendimentos por empresários ou seus herdeiros

- 3- Os lucros que o desenvolvimento gera para outras pessoas que não os empresários, as "repercussões do desenvolvimento"
- É a existência de juro que faz com que esses poderes de compra escoem para o mercado monetário, caso contrário não haveria por que ofertá-lo.
  - Poupança tem papel pequeno nisso, e depende da existência do juro. Não quer dizer necessariamente que aumento nos juros causa aumento na poupança.
  - Dinheiro momentaneamente ocioso das empresas também ingressa o mercado monetário.
  - Mesmo pessoas distantes do processo produtivo e do banqueiro são pagas juros pelo dinheiro depositado, e tudo compete com essa forma de alocação.
- 
- Juro então se estende por todo o sistema econômico.
  - Fisher: "*Juro é a impaciência cristalizada numa taxa de mercado*". Segunda essa visão, tudo seria uma forma de juros: salário são juros sobre capital humano, renda da terra é juro sobre o capital na forma de terra. Nessa visão, toda renda é valor produzido descontado de acordo com a taxa de desvalorização das satisfações futuras.
  - Para nós, bens concretos nunca são capital, mas podem ser trocados para obter capital.
- 
- Em alguns casos tratar lucros como juros, apesar de errado, não faz muita diferença. Em outros, faz bastante. Juros são permanentes e lucros temporários. O comprador que comprar um negócio esperando que os lucros se mantenham e simplesmente aplica na avaliação a fórmula do juro, de fluxos infinitos de rendimentos, se decepcionará. O negócio que permanece inalterado logo cai na insignificância.
  - Estabelecimento industrial individual só é fonte permanente de salários e renda da terra.
  - Como explicar os pagamentos de dividendos aos acionistas, que são como rendimentos permanentes? Algumas empresas o conseguem por poder de monopólio, outras por estarem constantemente fazendo coisas novas e se renovando para utilizar novas combinações. Caso contrário esses rendimentos "permanentes" não poderia existir, não existe uma renda permanente proveniente de juros auferidos do mesmo e único negócio. Logo, a receita de dividendos por acionistas não contradiz a teoria.
- 
- Segundo a teoria, flutuações de lucro empresarial e juros deveriam se mover juntamente. Isso na verdade só valeria no curto prazo, pois ao longo prazo talvez até observássemos relação entre novas combinações e os juros, mas que os muitos ruídos, as "outras coisas", ao longo de um período longo devem impossibilitar uma relação tão clara.
  - Logo, essa teoria discorda da visão clássica de que os juros teriam uma tendência secular a cair e a história parece favorecer nosso argumento.
  - Juros não é, como é o lucro, fruto direto do desenvolvimento, mas na verdade é um freio (necessário) ao desenvolvimento, um "imposto sobre o lucro empresarial". Juros também não são necessários a todas as formas de organização de sistema econômico. Mas não é razão para que queiramos condenar a existência dos juros, juros é apenas consequência de um método especial de se realizar novas combinações.

# 6 - O Ciclo Econômico

terça-feira, 23 de fevereiro de 2021 21:54

## Observações preliminares

- Críticas de que a minha teoria dos ciclos econômicos é psicologizante ou não explica periodicidades
- Capitalismo é inerentemente cíclico, teoria deve explicar não as crises mas as flutuações.
- Consumo de minério de ferro é o mais importante indicador de condições de negócios.
- Para Spithoff, depressão pós boom advém da produção excessiva de bens de capital em relação à demanda efetiva e ao capital existente. Discordo nos detalhes apenas.

## Conteúdo

- Desenvolvimento não é ininterrupto, com frequência ele é revertido em alguma medida.
- As crises diferem entre si, possuem diferentes causas e efeitos, de explicação não necessariamente puramente econômica. Às vezes aparecem do lado da oferta, às vezes do lado da demanda. Pode haver crises por causa de pânico, pânico sem crises ou crises sem pânico, por exemplo. Podemos abstrair as crises em um mesmo e único fenômeno?
- Crise não pode ser explicada sempre de forma puramente econômica, pode ser causada por uma guerra, por exemplo, ou más colheitas. Mesmo as causas mais pertencentes ao sistema econômico (e.g. alteração tarifária) podem ser tratadas como causas exógenas, teoria explicaria seus efeitos e não a sua origem, que são acidentes.
- Existe alguma crise puramente econômica? Se não houver, é impossível prevê-las com a teoria econômica.
- Por exemplo, no caso de uma região/indústria depender de outra, as depressões da região/indústria líder implicará crises na região/indústria dependente. Mas mesmo assim não podemos considerar esse cenário como uma crise puramente econômica.
- Alguns podem dizer que o cenário individual de cada crise é mais importante para explicar cada grande crise da história do que um teoria geral (se é que é possível) de crises, que no máximo podem oferecer uma pequena contribuição.
- No entanto, há elementos de crises que aparecem regularmente em alguns tipos de crises. Podemos elaborar uma teoria abstrata de crises, que despreza os fatores externos flutuantes, embora estes sejam de suma importância e não devem ser ignorados na análise da realidade.
- As novas combinações não são distribuídas uniformemente através do tempo, aparecem em grupos e irregularmente.
- Embora o *boom* seja necessário à depressão, não basta para explicá-la.
- Se empreendimentos aparecessem independentemente, não haveria oscilações inerentes na economia. Fatores externos poderiam causar flutuações, mas não do tipo que queremos analisar e não existiriam necessariamente. Três circunstâncias são importantes:
  - o A grande maioria das combinações novas não brotará das empresas antigas nem tomará seu lugar imediatamente, mas competirá com elas.
  - o A demanda empresarial surge em blocos. Quando isso ocorre, toda a economia se aquece e aumentam os preços, e surgem lucros em toda parte, não só nos setores de novas combinações.
  - o Há presença de erros sistemáticos, e não apenas estocásticos e individuais, no começo do boom e na depressão por parte dos tomadores de decisão.
- Empresários aparecem em bloco pois o aparecimento de um favorece o aparecimento de outro, crescentemente, e cada vez menos qualificados. As novas combinações se tornam mais fáceis e acessíveis quando outros já desbravaram o caminho. Isso com o tempo eliminará o lucro empresarial. Assim, quanto mais o processo de desenvolvimento se torna comum, menor a capacidade de liderança que será necessária para gerar inovações. Aumento de investimento de capital e das indústrias produtoras de bens de produção (e.g. ferro) são os primeiros sintomas de booms. Haverá com isso aumento de salários, taxa de juros, custo de fretes, crédito e queda no desemprego - a prosperidade se difunde pelo sistema econômico.

- Empreendedores vindo em onda e não continuamente tem certas consequências:
  - o Disputa dos muitos empresários pelos bens de produção elevará seus preços, de forma que esse acesso a esses bens será diminuído para empresas antigas em favor do acesso pelas empresas novas.
  - o Novos produtos demoram um tempo para chegar ao mercado e concorrem com produtos antigos. As receitas das empresas antigas acabam diminuindo. Novos produtos ocasionam queda de preços, que por sua vez põe fim ao boom e pode levar a uma depressão.
  - o Efeito dos novos empreendimentos leva a deflação creditícia pois empresários estão em condições de pagar suas dívidas.
- Outros empresários não tomam o lugar dos que liquidam as suas dívidas para tomar os empréstimos por duas razões:
  - o Se um setor industrial sofre um boom, o ingresso de novos empreendedores deprime as receitas e aumenta os custos, esgotando o impulso de expansão e portanto de tomar empréstimos.
  - o A nova condição gera um novo equilíbrio, e não dá em princípio início a um novo boom, o que desincentiva novas tomadas de empréstimo (mesmo que este cenário seja uma expectativa e não presente).
- Boom cria por si só situação de depressão, uma ausência temporária de desenvolvimento. Boom leva necessariamente a várias empresas funcionarem em prejuízo, deflação nos preços além do que seria o equilíbrio e deflação no crédito. Com isso há queda no investimento e devemos observar queda no consumo de ferro. O quadro de depressão penetra por toda a economia.
- No entanto, esses eventos não necessariamente ocorrem cronologicamente seguindo a cadeia causal, por duas razões (embora isso não altere fundamentalmente o fenômeno):
  - o Especulação financeira pode ocorrer em tempos diferentes ao da economia real. Além disso alguns eventos característicos de depressão podem ocorrer no fim de um boom.
  - o Alguns agentes podem agir antevendo uma crise, por exemplo elevando as taxas de juro, ou então desemprego pode demorar a ser sentido por inflexibilidades no salário e forma de contratação.
- Homem de negócios em cenário de crise, com incerteza e irregularidade, toma decisões em uma situação não familiar e comete erros, que podem causar novos transtornos. Produtores de bens de luxo e especuladores sofrem especialmente.
- Excesso de estoque após superprodução causa problemas de insolvência nas empresas.
- Superprodução e descompasso entre quantidade e preço de bens não podem ser consideradas uma causa primária das crises, é um fenômeno intermediário.
- Empresas antigas geralmente tem mais reservas e melhores relações com bancos do que empresas novas, ficando assim mais resistentes às crises. Isso distorce o fenômeno descrito pela nossa teoria mas não afeta a sua natureza.
- Depressão conduz a uma nova posição de equilíbrio. As firmas já estabelecidas deverão decair, reduzir ou implementar mudanças.
- Trustes facilitam a permanência de desajustes, pois equilíbrio só pode existir em mercado competitivo. Além disso firmas grandes podem adiar este ajuste de períodos depressivos, inclusive por auxílio do governo ou imposição de tarifas protecionistas.
- Na realidade, ausência completa de desenvolvimento e, portanto, juros, não ocorre, embora sempre se vá a essa direção. No entanto, deve haver uma posição de quase-equilíbrio entre dois booms, uma posição praticamente estática a partir da qual se inicia uma onda de desenvolvimento.
- As depressões e booms são percebidos como catastróficos ou eufóricos, respectivamente, mas na realidade dificilmente a renda total se altera muito além de 10%, boa parte da economia permanece intocada.
- No boom os salários devem subir, aumenta a demanda dos empresários por trabalho (primeiro aumenta o volume e depois o preço). Isso aumenta o consumo e eleva os preços.
- Em tese a renda real durante a depressão seria maior do que no período anterior de equilíbrio

e mesmo do que no boom, mas isso não ocorre na prática pelas seguintes razões:

- Incertezas e possível pânico das depressões causam ociosidade em algumas empresas, o que gera desemprego temporário. Isso recua os avanços sindicais e pode deprimir salários.
  - Novos empreendimentos eliminam ou reduzem empresas mais antigas. Novas combinações gerará nova demanda de trabalho (embora não necessariamente na mesma medida).
  - A nova demanda por trabalho que foi gerada no boom para as novas combinações uma hora irá cessar.
  - Em geral, o boom significa um passo rumo à mecanização, que diminui o trabalho requerido por unidade de produto, o que pode diminuir a quantidade de trabalho requerida numa dada indústria. Desemprego tecnológico é uma parte do desemprego cíclico (que é temporário).
  - Boom abaixa a demanda de trabalho permanentemente apenas se as novas combinações diminuam a produtividade marginal relativa do trabalho, haverá então um deslocamento em favor dos meios de produção já existentes.
- Depressão portanto é a difusão das consequências do boom por toda a economia, devido aos mecanismos de competição e a tendência ao equilíbrio.
- Um remédio às crises é o aperfeiçoamento do prognóstico do ciclo econômico. Trustes e políticas governamentais de investimento anticíclicas podem amortecer os efeitos perversos da depressão. Um aumento geral de crédito nas crises só causaria inflação e pode dar sobrevida indesejada às firmas inadaptadas. Restringir o crédito nessa situação pode ser benéfico ainda que doloroso, temporariamente. Uma boa política de crédito deve ser capaz de distinguir as empresas que são estruturalmente inadequadas daquelas que estão em perigo simplesmente pelas circunstâncias.